

CONHECIMENTOS POPULARES DE IDOSOS SOBRE O USO DE PLANTAS MEDICINAIS

Paolla Jessica da Cunha (1); John Lennon Araujo Lucena (1); Raquel Moreira de Lima (2); Ellen Tatiana Santos de Andrade (3); Saulo Rios Mariz (4)

(Universidade Federal de Campina Grande, paollajcunha@gmail.com)

INTRODUÇÃO

A utilização de plantas medicinais é uma das práticas mais antigas que agem de forma efetiva na prevenção, no tratamento e na cura de diversas enfermidades (ANDRADE; CARDOSO; BASTOS, 2017). Por ser uma prática recorrente há milhares de anos, os conhecimentos e saberes sobre o cultivo e o uso dessas plantas passam de geração para geração. Com o desenvolvimento científico, em detrimento do conhecimento popular, passou-se a dar mais importância ao conhecimento obtido pela ciência e maior preferência pelos medicamentos alopáticos (FEIJÓ et al., 2012).

No entanto, cada vez mais, tornam-se necessários estudos sobre o uso medicinal das plantas, em especial, no território brasileiro, que possui a maior biodiversidade do mundo, sendo imprescindível a análise dos saberes populares de grupos que utilizam plantas com fim medicinal, pois servem como base para pesquisas acadêmicas e, conseqüentemente, para a ciência. A diversidade social encontra-se associada à biodiversidade, disponibilizando visões, saberes e práticas de cunho essencial para a descoberta da flora brasileira, dos seus benefícios e riscos. Tudo isso precisa, portanto, ser resgatado (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2009).

Por ser de custo mais baixo, seu uso vem, nos últimos anos, adquirindo espaço no Sistema Único de Saúde (SUS). Prova disso, foi a aprovação, em 2006, da Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos, a qual possui como um de seus princípios orientadores, a valorização e a preservação do conhecimento tradicional das comunidades e dos povos tradicionais. Assim como também foi aprovada, no mesmo ano, a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC), que reconhece, além de outras práticas, a fitoterapia – terapia com o uso de plantas em diversas formas farmacêuticas (FEIJÓ et al., 2012). Um dos grupos mais beneficiados é o dos idosos, tendo em vista que o sistema de saúde adequa-se ao perfil de seus usuários, devido à quantidade de medicamentos requerida para cuidar de alguns problemas que passam a ser mais recorrentes com o passar da idade (BADANI & SILVA, 2011).

Geralmente, pessoas idosas detêm a propriedade do saber, da experiência e do conhecimento

sobre a terapêutica das plantas medicinais, sendo elas, muitas vezes, as responsáveis por indicar e, até mesmo, preparar compostos como lambedor, chás etc. Além disso, elas costumam preferir fazer a automedicação à base de plantas em detrimento de medicamentos industrializados (LIMA et al., 2012).

Como o conhecimento popular é mantido e transmitido, principalmente, através da comunicação oral, é comum não haver muitas informações sobre os riscos que tais plantas causam à saúde. Esse fato torna-se perigoso e requer atenção dos profissionais de saúde, pois muitas plantas *in natura* são utilizadas e podem ter alto nível de toxicidade (ARAÚJO & OLIVEIRA, 2007).

Outro risco que também deve ser considerado, é a interação medicamentosa, muito propensa a ocorrer em idosos, devido ao número elevado de medicamentos ingeridos associado com o ato da automedicação. Eles utilizam diferentes tipos de tratamento concomitantemente, sem comunicar aos profissionais de saúde pelos quais são acompanhados (OLIVEIRA & SANTOS, 2016).

Portanto, o presente estudo objetiva revisar artigos que abordam os conhecimentos populares dos idosos sobre o uso de plantas medicinais, buscando compreender como eles denominam cada planta, saber qual a indicação terapêutica e verificar se eles fazem uso de outros medicamentos no mesmo período em que utilizam essas plantas. Tudo isso sem haver a preocupação de citar o nome científico de cada planta, pois o grande interesse está no conhecimento popular dos idosos.

METODOLOGIA

Pesquisa exploratória qualitativa, do tipo revisão integrativa, realizada através de periódicos científicos. A busca pelos artigos deu-se por meio da Scientific Electronic Library Online (SciELO), Sistema de Información Científica Redalyc, Biblioteca Virtual de Saúde (BVS), Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS). Além disso, foi utilizado o Programa Nacional de Fitoterápicos e Plantas Medicinais, publicado em 2009.

A pesquisa foi realizada entre os meses de junho e agosto de 2017. Os descritores utilizados foram “plantas medicinais”, “conhecimento popular”, “idosos” e “envelhecimento da população”. Com o objetivo de combinar tais descritores, foram empregados os operadores lógicos “AND” e “OR”.

Na pesquisa, empregou-se os seguintes critérios de inclusão: ano de publicação (2007 a 2017); disponibilidade (texto disponível na íntegra) e idioma (português ou inglês). Desta forma, somando-se as pesquisas realizadas nas bases de dados, foram encontrados 462 artigos. Após a

leitura dos títulos e/ou dos resumos, 406 foram excluídos, restando apenas 56 artigos, dos quais foram escolhidos 10, que foram lidos na íntegra.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A transmissão do conhecimento popular começa em idade precoce do indivíduo que, geralmente, tem seu primeiro contato com esse conhecimento no seio familiar. Ele continua a aprender sobre as plantas medicinais na idade adulta.

Eyssartier, Ladio e Lozada (2008), entrevistaram 30 pessoas, sendo adultos e idosos, em uma pesquisa etnográfica. Verificaram que os pais e as mães são os principais transmissores desse tipo de conhecimento, enquanto as mães são colocadas como muito importantes no processo de transmissão, sendo os avós, mencionados logo depois.

A família também aparece como principal transmissora do conhecimento popular sobre plantas medicinais, no estudo realizado por Lima et al. (2012). A autora e seus colaboradores entrevistaram 18 homens idosos, verificando que os significados das plantas medicinais, construídos por eles, deram-se por meio das relações familiares, principalmente, através do aprendizado com mãe, tias e avós. Além disso, eles não consideram as plantas como medicamentos, pois acreditam que estas não trazem risco à saúde por serem naturais, ignorando os efeitos colaterais.

Os mesmos autores verificaram as plantas que estes idosos utilizavam e suas respectivas indicações terapêuticas, sendo: guaco, gervão, alfavaca, eucalipto, feijão andu, hortelã, gengibre e puleu, para gripe; jateí-caá, gervão e alfavaca, para machucadura; jateí-caá, carquejinha, folha de pitanga, boldo, dente-de-leão, gota do zeca e marcela, para dor no estômago; folha de coco, flor de goiaba e poejo, para dor de barriga; flor de laranja de lima e mama do reino, para tosse; mentruz, para verme; sene, para limpar o intestino; flor do amazonas, pau azul e guavira, para diabetes; cancerosa, servindo como antibiótico; barbatimão, usada como cicatrizante; rubim, para colesterol alto; flor do amazonas e ipê-roxo, para câncer; sabugueiro, para sarampo; erva-cidreira, utilizada como calmante; manjerna, para asma; caraguatá, para bronquite; cipó da amazônia, utilizada para doenças relacionadas aos rins.

Oliveira e Santos (2016) entrevistaram 30 idosos, todos com origem na zona rural do Rio Grande do Norte. Essa origem influencia os conhecimentos populares sobre as plantas medicinais, pois a tradição mantida pelos moradores da zona rural é respeitada e perpassada por gerações. Eles aprenderam desde o preparo até o uso dessas plantas e tornam-se os responsáveis por conservar e propagar tais costumes.

Para o tratamento complementar de *Diabetes mellitus*, Feijó et al. (2012) verificou que os idosos participantes de sua pesquisa, utilizam as seguintes plantas: tripa-de-galinha, carquejinha-branca, pata de vaca, guabiroba, limão mais abacate, alcachofra, chapeu-de-couro, cavalinha, hortências, amoreira, pau-ferro, feijão preto, batata-yacon, carvalho, insulina, gervão e jambolão. Esses idosos tiveram conhecimento do potencial terapêutico destas plantas através de indicações do médico, de familiares, de amigos ou de algum conhecido que obteve êxito com o tratamento.

Já Ventura (2012), ao realizar uma pesquisa exploratória com idosos, agentes e profissionais de saúde, constatou que, dos 54 idosos entrevistados, todos utilizavam determinadas plantas medicinais para as seguintes indicações: abacate, utilizada para o fígado, rins, pressão alta e para acalmar; abajuru, pata de vaca e insulina são utilizadas para diabetes; abóbora e erva de santa maria são utilizadas para vermes; alcaçuz e quina cruzeiro, para o estômago; alecrim e hortelã pimenta, usados como calmante; aloe vera, usada como cicatrizante, servindo também para estômago e hemorroida; amor do campo, usada para inflamação do útero e do ovário; amora, usada para problemas hormonais; anador, para dor de cabeça; arnica, para contusão, tombo, esporão e pancada; aroeira, para feridas, cicatrização e inflamação; assa peixe, para bronquite, pneumonia, expectorante e gripe; boldo, usado para ressaca, gastrite, enjoo, estômago, fígado, intestino; cabelo de milho, usado para os rins; dente de leão, utilizado como depurativo de sangue e emagrecedor; malva, usada para dor de dente; romã, para garganta; sabugueiro, para sarampo; entre outras plantas e funções.

Tantos conhecimentos sobre o uso destas plantas foram estudados, também, por Albuquerque et al. (2011), na tribo indígena Fulni-ô. A autora e seus colaboradores concluíram que os idosos conhecem mais plantas e seus recursos medicinais do que pessoas mais jovens. Logo, verificaram que a idade está diretamente relacionada com o conhecimento sobre recursos vegetais, socioculturais, políticos e econômicos.

Os resultados encontrados por Brasileiro et al. (2008), Silva et al. (2008), Rutkanskis & Silva (2009) e Oliveira et al. (2011) mostram que os entrevistados utilizam os chás como a principal forma de preparo das plantas medicinais. Contudo, foi verificada forma inadequada nesse preparo, pois chás de plantas que deveriam ser preparadas através de infusão, eram preparadas pelo cozimento destas. Isso pode afetar negativamente a liberação dos princípios ativos de folhas, flores e raízes, prejudicando o tratamento de doenças e causando reações não esperadas.

CONCLUSÕES

Torna-se possível constatar a grande influência que gerações anteriores exercem sobre os idosos em relação aos conhecimentos populares de plantas medicinais. Estes são adquiridos por

meio de relações sociais, históricas e culturais, principalmente, no âmbito familiar, de forma a desenvolver saberes relacionados às indicações terapêuticas referentes a cada planta com a qual é mantido contato direto.

Embora os idosos das pesquisas revisadas não apresentem conhecimento sobre os efeitos adversos das plantas ou ignorem-os pelo simples fato de serem naturais, tais efeitos representam um perigo real para a saúde. Portanto, chás juntamente com medicamentos industrializados, indicam risco de interação medicamentosa negativa, devendo haver orientação para os idosos, a fim de fazerem uso racional das plantas.

Foi percebida, também, a necessidade de orientação para os idosos sobre a forma de preparo das plantas medicinais consumidas, uma vez que um preparo inadequado pode resultar em reações adversas prejudiciais ao indivíduo.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, U. P. et al. The use of plants in the medical system of the Fulni-ô people (NE Brazil): A perspective on age and gender. **Journal of Ethnopharmacology**, v. 133, n. 2, p. 866-873, 2011. Disponível em: <http://ac.els-cdn.com/S0378874110008068/1-s2.0-S0378874110008068-main.pdf?_tid=42e95362-918f-11e7-85f3-00000aacb35f&acdnt=1504543194_4330f0c2248ab82378a06dd5273e82cc>. Acesso em 5 de junho de 2017.
- ANDRADE, S.F.; CARDOSO, L.G.; BASTOS, J.K. Anti-inflammatory and antinociceptive activities of extract, fractions and populnic acid from bark wood of *Austroplenckia populnea*. **Journal of Ethnopharmacology**, v.109, n. 3, p. 464-471, 2007.
- BADANI, J. M.; SILVA, C. P. Utilização de plantas medicinais, fitoterápicos e dos potenciais riscos de suas interações com medicamentos alopáticos, por idosos atendidos pela farmácia – escola – São Caetano do Sul. São Caetano do Sul, 2011. Disponível em: <http://www.uscs.edu.br/pesquisasacademicas/images/download_inici_cientifica/prof_celi_e_jaqueline.pdf>. Acesso em 5 de junho de 2017.
- BRASILEIRO, B.G. et al. Plantas medicinais utilizadas pela população atendida no programa de saúde da família de Governador Valadares-MG Brasil. **Revista Brasileira de Ciências Farmacêuticas**, v.44, n.4, p.629-636, 2008.
- EYSSARTIER, C.; LADIO, A. H.; LOZADA, M. Cultural Transmission of Traditional Knowledge in two populations of North-western Patagonia. **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine**,

PMC, v. 4, n. 25, 2008. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC2614966/?tool=pubmed>>. Acesso em 2 de julho de 2017.

FEIJÓ, A.M. et al. Plantas medicinais utilizadas por idosos com diagnóstico de *Diabetes mellitus* no tratamento dos sintomas da doença. **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais**, v.14, n.1, p.50-56, 2012.

LIMA, S.C. S. Representações e usos de plantas medicinais por homens idosos. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, v. 20, n. 4, jul-ago 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rlae/v20n4/pt_19.pdf>. Acesso em 2 de julho de 2017.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Programa Nacional de Plantas Mediciniais e Fitoterápicos. 2009.

OLIVEIRA, C. J.; ARAÚJO, T. L. Plantas medicinais: usos e crenças de idosos portadores de hipertensão arterial. **Rev. Eletr. Enf.**, v. 9, n. 1, p. 93-105, 2009. Disponível em: <https://www.fen.ufg.br/fen_revista/v9/n1/v9n1a07.htm>. Acesso em 4 de agosto de 2017.

OLIVEIRA, L. P. B. A.; SANTOS, S. M. A. Conciliando diversas formas de tratamento à saúde: um estudo com idosos na atenção primária. **Texto Contexto Enferm**, v. 25, n. 3, 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tce/v25n3/pt_0104-0707-tce-25-03-3670015.pdf>. Acesso em 29 de julho de 2017.

OLIVEIRA, L.S. et al. Plantas Mediciniais como Recurso Terapêutico em Comunidade do Entorno da Reserva Biológica do Tinguá, RJ, Brasil - Metabólitos Secundários e Aspectos Farmacológicos. **Revista Científica Internacional**, v.4, n.17, p.54-74, 2011.

RUTKANSKIS, A.M.R.A.; SILVA, C.T.A.C. Utilização de plantas medicinais pelos acadêmicos da área de saúde da Faculdade Assis Gurgacz no município de Cascavel Paraná. **Cultivando o Saber Cascavel**, v.2, n.4, p.69-85, 2009.

SILVA, F.L.A. et al. Use of medicinal plants by the elders at a family's health strategy. **Revista de Enfermagem**, v.2, n.1, p.9-16, 2008.

VENTURA, M. F. Uso de plantas medicinais por grupo de idosos de unidade de saúde de Campo Grande, Rio de Janeiro: uma discussão para a implantação da fitoterapia no local. 52 p. Dissertação (Especialização) – Fundação Oswaldo Cruz – Farmanguinhos, Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <<https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/7716/2/33.pdf>>. Acesso em 2 de agosto de 2017.